

Artigos

Rosália Duarte

Em palestra para o E-TIC 4



Rosália Duarte é coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia - GRUPEM¹ e professora do Departamento de Educação e do Mestrado em Educação da PUC-Rio. Dentre os temas de pesquisa de seu interesse destaca-se, sobretudo a recepção das mídias por crianças e adolescentes. O artigo a seguir foi preparado tomando por base a palestra proferida no IV Encontro Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação – E-TIC 4/2006, promovido pelo

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estácio de Sá. O artigo contou com a colaboração de Ilana Eleá Santiago, especialista em Mídia-Educação pela Universidade Católica de Milão e atualmente doutoranda em Educação pela PUC-Rio.



Sobre o E-TIC 4

O E-TIC 4 foi realizado no Campus Rebouças, organizado por docentes da Linha de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação nos Processos Educacionais e teve como objetivos: (a) debater perspectivas e desafios das TIC na educação e na cibercultura; (b) promover um espaço de troca entre diversas instituições que trabalham com as TIC na Educação; (c) difundir dissertações e teses versando sobre as TIC na Educação. A professora Rosália Duarte abriu o evento no dia 8 de Novembro de 2006 com a palestra cujo artigo está publicado nesta Seção. A programação incluiu mesa redonda com Ângela Carrancho (UERJ), Claudia Capello (FGV), Daniel de Carvalho (CEP/EB), apresentação de dissertações e teses recém defendidas por alunos do Programa de Mestrado da Universidade Estácio de Sá, da UERJ e da UFRJ além de palestra de encerramento proferida por Lucídio Bianchetti (UFSC), no dia 9 de Novembro de 2006.

¹ <http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/midiajuventude/>

Panorama mundial dos estudos em educação e comunicação

Rosália Duarte

rosalia@edu.puc-rio.br - PUC-Rio

Ilana Eleá Santiago

ilana@mvirtual.com.br - Doutoranda da PUC-Rio

Resumo

O presente artigo apresenta uma revisão panorâmica de pesquisas em educação e mídia, realizadas nos últimos vinte anos. A primeira parte apresenta, sinteticamente, o painel desenhado por Geneviève Jacquinot (2002) a partir das falas dos pesquisadores presentes no Forum International des Chercheurs *Les jeunes et les Médias Demain*, realizado em Paris em 1997. A segunda parte traz estudos desenvolvidos nessa área na Europa, mencionando também a produção brasileira. Não se trata de um estudo exaustivo, busca-se apenas traçar um cenário teórico-conceitual desse campo de estudos, no intuito de orientar novos integrantes sobre possíveis caminhos a serem tomados.

Palavras-chave: Mídia-educação. Educação para os meios. Mídia. Juventude.

Panoramic review of research in education and communication

Abstract

This article presents a panoramic review of research in education and media, developed during in last the twenty years. The first part presents the Geneviève Jacquinot's reviews (2002) of the main ideas of researchers in the Forum International des Chercheurs *Les jeunes et les Medias Demain*, that it happened in Paris, 1997. The second part brings studies developed in this area in the Europe, also mentioning the Brazilian production. This is not an exhausting study, it is intended to trace a theoretical and methodological scene of this field of studies.

Key words: Media education. Media literacy. Youth.

Introdução

Dez anos depois da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) e cinco anos depois da 1ª Cúpula mundial de mídia para crianças e adolescentes², pesquisadores e mídia-educadores de cinquenta países do mundo reuniram-se em Paris para discutir ações, metodologias e os resultados das pesquisas realizadas até então com o intuito de elaborar um panorama dos estudos e práticas desenvolvidos nessa área. Sínteses das comunicações apresentadas pelos pesquisadores no evento foram organizadas

² Realizada inicialmente em 1995 por uma iniciativa da Australian Children's Television Foundation (<http://www.actf.com.au>), o evento foi tendo continuidade nos anos 1998, 2001, 2004 e 2007, quando Paris, Grécia, Rio de Janeiro e África do Sul foram os países-sede, respectivamente.

posteriormente por Geneviève JACQUINOT, da Universidade de Paris VIII, e publicadas em uma coletânea intitulada *Les jeunes et les médias: perspectives de la recherche dans le monde* (Paris: Injep/L'Harmattan, 2002).

A primeira parte deste artigo apresenta, sinteticamente, o panorama desenhado por Jacquinot a partir das falas dos pesquisadores até aquela data. Como Rivoltella (2002, 2005) também se ocupa de revisões do mesmo teor, as contribuições do pesquisador italiano seguirão com o intuito de contextualizar essas falas; complementar informações sobre o debate em questão e apresentar brevemente os bastidores e os pressupostos que inspiraram o campo mídia-educativo desde as suas origens. A segunda parte procura rascunhar um outro desenho relativo aos estudos desenvolvidos na área nos últimos dez anos. Não se trata de um estudo exaustivo, muito menos de um estado da arte, busca-se apenas traçar um panorama teórico-conceitual desse campo de estudos, no intuito de orientar novos integrantes sobre possíveis caminhos a serem tomados para se transitar nessa área.

Os bastidores das práticas: a mídia-educação como “resposta”

Importante situar que já nos anos 30, quando os produtos da dita indústria cultural começaram a ganhar espaço e ascendência através da publicação de quadrinhos e romances rosa, houve uma reação por parte dos defensores da “cultura alta” e da tradição literária. Rivoltella (2005) define esse movimento como *Press Education*. Padronização dos gostos, escasso valor intelectual e estético, baixa criatividade e conteúdos previsíveis das mensagens eram os argumentos mais apaixonados e reivindicações protecionistas dos que temiam pelo esfacelamento da “cultura”.

Para a *Film Education*, percebe-se uma continuidade. A idéia de reação era a mesma, mudava apenas o endereço e o objeto da crítica: das bancas de jornal para as salas de cinema. Cinefóruns passaram a ser introduzidos nas escolas. Essas preocupações em preservar seja o leitor, como o espectador que se formava, foram potencializadas em grande escala pela fase da *TV Education*, afinal, a TV aparecia aos olhos dos educadores e das famílias como predominantemente violenta, capaz de exibir sem pudores temas sexuais, promover consumo através da publicidade, estendendo a mão (ou os botões) às crianças com uma roupagem sedutora e áudio-imagética, aparentemente sem exigir maiores esforços cognitivos para ser compreendida através de atenções redobradas, fruto de esforço e empenho como o requisitado pelos ambientes escolares.

A Mídia-Educação surge, então, como *resposta* educativa às novas questões trazidas pelos meios de comunicação de massa. Talvez essa palavra, “resposta”, sirva como

chave para a nossa leitura das pesquisas realizadas no campo. Educadores se viam imbuídos – estimulados por organismos como a UNESCO - pela urgência de agir, de partir para a ação: a intenção e o esforço eram na direção de neutralizar os efeitos negativos dessas mudanças, oferecer o “antídoto”. Eles já tinham a resposta – afirmações categóricas divulgadas principalmente por pesquisadores da sociologia da comunicação e psicologia através principalmente de correntes apocalípticas. E assim, partiam para o campo de ação – e de pesquisa! - munidos de certezas. Um grande caldeirão de respostas, um “conjunto de entusiasmos”, para utilizar a expressão de Thomas e Lee (1995)! Não é à toa que grande parte das investigações do período utilizava a pesquisa-ação como opção metodológica. A intenção não era investigar para tentar entender como os processos de “inculcação” se davam, mas propor, educar para ver, educar para ensinar – principalmente os mais jovens – a não serem vítimas dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

Essa premissa de inculcação foi bem trabalhada por Len Masterman, professor da Universidade de Liverpool e um dos líderes do movimento pela Mídia Educação no mundo, em sua clássica obra “A rationale for Media Education in 1990 Europa” (1994). Masterman observa os paradigmas que foram servindo de base para a mídia-educação em diferentes faixas históricas. Na abordagem inoculatória, as mídias aparecem como agentes de declínio cultural, uma “doença infecciosa” e veículo de anticultura. Esse pessimismo inaugura os estudos de comunicação, no final da década de 30.

O encontro em Paris

Segundo Jacquinet, o encontro realizado em Paris³ tinha como eixos centrais de trabalho:

- 1) assinalar a importância das mídias como meio de informação e de aculturação (socialização) tanto quanto como meio de expressão e de mudanças;
- 2) discutir o papel desempenhado pelos meios na formação geral de crianças e adolescentes;
- 3) ressaltar a importância de pesquisadores compreenderem melhor a relação de crianças e jovens com as mídias e de se encontrarem regularmente para trocar

³ Daqui para frente será utilizada a expressão “encontro de Paris” para designar o referido evento. Este “Forum International des Chercheurs *Les jeunes et les Médias Demain*”, fora organizado pelo GRREM – Groupe de recherche sur la relation enfants-médias.
<http://www.grrem.org/>

idéias e informações sobre o tema.

Nesse evento foram identificadas diferenças bastante significativas de pontos de vista, definições, concepções e objetivos entre os pesquisadores, o que os levou a compreender que, para configurar e consolidar um campo de estudos em *educação para os meios*⁴, que era o que se objetivava naquele momento, seria importante confrontar e explicitar conceitos, métodos e perspectivas de análise procurando estabelecer regras pactuadas para o desenvolvimento da pesquisa e da prática mídia-educativa.

Evidenciou-se, assim, que a Educação para os Meios (*Media Education, l'Education aux medias*) designava, de modo genérico, estudos e práticas que procuravam relacionar educação e mídia, voltados, fundamentalmente para: 1) o estudo dos usos escolares dos meios de comunicação como ferramentas educativas; 2) análises de conteúdo de produtos midiáticos (sobretudo de filmes e de programas de televisão); 3) estudos quantitativos que procuravam mensurar os efeitos das mídias sobre o comportamento de crianças e jovens; 4) formulação e desenvolvimento de propostas e métodos para ensinar os mais jovens a compreender e interpretar mensagens e códigos midiáticos (numa perspectiva defensiva, isto é, ensinando-lhes a se defenderem das estratégias de manipulação adotadas pela mídia em geral). No texto de apresentação da referida coletânea, Jacquinet (idem) assinala que as pesquisas nesse campo, realizadas na Europa, naquela década, tinham três objetivos centrais:

- 1) levantamento e conhecimento de práticas mídia-educativas;
- 2) objetivo pragmático: influenciar aqueles que são responsáveis pela realização da produção de mídia: profissionais de tevê e de cinema, jornalistas, gerenciantes de conteúdos de sites, órgãos regulares da tevê e da publicidade, agentes governamentais etc.;
- 3) objetivo cívico: dar a palavra aos atores do espaço público – associações de classe, movimentos social, ONGs, professores, pais etc. para que possam interferir na produção e circulação de mensagens dessa natureza.

Essas pesquisas, em sua maioria, diziam respeito à televisão e ao cinema (imprensa escrita e rádio mobilizavam menos estudos e despertavam menos preocupação entre os estudiosos europeus naquele momento). Para ilustrar os eixos citados, selecionamos algumas pesquisas.

⁴ Essa era designação hegemônica para este tipo de estudo no contexto europeu daquele momento.

A investigação realizada por John Pungente, com o apoio do *Centre for the Study of Communication and Culture*⁵ de Londres, fora trabalhada em seu livro “Getting started on Media education” (1985) e pode ser um bom exemplo para o interesse em levantar e conhecer as práticas mídia-educativas da época. Como relata Gianatelli (2000), presidente da MED – Associação Italiana para Educação às Mídias e à Comunicação, foram estudadas 400 escolas secundárias jesuítas presentes em diferentes partes do mundo. Foram visitados 29 países, 62 cidades e assim, conhecidas experiências de toda a sorte no campo. O relatório ofereceu, então, uma interessante documentação a partir de cinco pontos principais: 1) o que se entendia por Mídia-Educação; 2) os motivos pelos quais pensavam que a Mídia-Educação seria importante; 3) como se poderia responder às possíveis objeções para sua realização; 4) a partir de quais modelos se poderiam organizar cursos na área e 5) a bibliografia que embasava tais perspectivas.

Nessa direção, podemos também citar a pesquisa realizada em 1997 na Universidade de Reading, Inglaterra, coordenada por Andrew Goodwin, diretor do Center for Languages, English and Media Education da Universidade de Reading⁶. Na ocasião, 36 diretores de escolas secundárias inglesas foram entrevistados, com o objetivo de verificar quais eram suas posturas em relação às mídias e sobre as possibilidades de introduzir a Mídia-Educação nos currículos escolares. Como relata Rivoltella (2002, p.42) 97,2% dos diretores consideraram importante que cada cidadão fosse um espectador crítico e 65,7% acreditava que a escola poderia ajudá-lo a sê-lo, principalmente com o objetivo de balancear o poder da mídia e o seu efeito danoso sobre a sociedade (97,3%). Ficava claro que para aqueles professores, a mídia seria nociva e deveria ser controlada.

Como exemplo de pesquisas que primavam por interferir na produção e circulação de produtos considerados inadequados, podemos citar as desenvolvidas pelo CME (Center for Media Education), de Washington, que se voltou para estudar as práticas publicitárias voltadas para o público infantil na Internet. O trabalho “Web of Deception: Threats to Children from Online Marketing”, representa o movimento da sociedade civil organizada começando a ocupar-se do monitoramento e avaliação dos produtos veiculados pelas grandes mídias. Pesquisas para monitorar programas começam a se desenvolver, como o National Television Violence Study (NTVS), em Los Angeles, justamente com esse intuito, o que iria culminar, mais tarde, na adoção de

⁵ <http://csccl.scu.edu/>

⁶ <http://www.education.reading.ac.uk/cleme/>

indicações de censura durante a programação televisiva ou ainda a criação de V-chips (violence chips).

Os estudos de violência até hoje compõem uma fatia considerável de estudos em educação e mídia. O artigo de Martinez (1992) apresenta uma revisão das principais pesquisas sobre o tema. O estudo reconhecido como o mais significativo e extenso sobre o impacto da violência na televisão foi realizado por pesquisadores da Universidade de Pennsylvania, coordenadas por George Gerbner (GERBNER; GROSS, 1974, 1976, 1980; GERBNER; GROSS; MORGAN; SIGNORIELLI, 1980; SIGNORIELLI, 1986; MORGAN, 1989), tendo servido de base para o relatório pela UNESCO sobre o tema em 1989.

O trabalho de Gerbner se debruçava em análises sistemáticas sobre os episódios (inclusive desenhos animados – aliás, posteriormente motivo de controvérsia) exibidos pelos três maiores canais de televisão americanos em diferentes faixas de horários, priorizando as de maior audiência. Sua preocupação era obter o “índice de violência” anual atingido pelos diferentes programas. Seus relatórios ofereciam estatísticas sobre os programas que mais exibiam atos violentos, além das características das pessoas apresentadas tanto como vítimas, como as agressoras dos episódios. Em 1984/1985, por exemplo, houve o maior índice de violência, quando programas voltados para crianças apresentavam 27 atos violentos por hora.

A partir de informações desse porte, diferentes pesquisas mídia-educativas se dedicaram a esse tema. Para quem quiser se aprofundar, o artigo de Rivoltella (2004), “Convidada”, “intrusa” ou o quê? Os efeitos da televisão na infância: entre a realidade e os discursos sociais” traça um panorama das pesquisas européias nessa área.

Já os pesquisadores latino-americanos presentes no evento em Paris — Tatiana Merlo-Flores, da Argentina, e Guillermo Orozco Gomes, do México — apresentaram uma perspectiva de trabalho que refletia o percurso dos estudos que vinham sendo realizados aqui. As pesquisas sobre as culturas latino-americanas realizadas, nas décadas de 1980 e 1990, no México (CANCLINI 2003, 2005), Venezuela, Chile, Colômbia (MARTIN-BARBERO, 1997) e Brasil (ORTIZ, 1978, 1985, 1988) haviam dado origem a um campo de pesquisas com contornos teórico-políticos bastante bem delimitados: os Estudos Latino-Americanos de Cultura e Poder⁷, assim denominados em função da necessidade, definida por esses autores, de estabelecerem uma diferenciação evidente dessa área de estudos com o dos chamados Estudos Culturais que, na opinião deles, têm um corte marcadamente europeu e caráter etnocêntrico no que diz respeito às culturas “periféricas”.

⁷ Sobre este tema ver MATO, 2001 e GARRETON (1999)

Na esteira desses estudos configuraram-se a Teoria das Mediações, originalmente formulada por Jesús Martín-Barbero (1997) e mais tarde desenvolvida por Guillermo Orozco-Gomes (2002) e outros, e os então denominados Estudos de Recepção Latino-Americanos. Esses trabalhos adotavam uma configuração teórico-metodológica distinta da utilizada em contexto europeu e estadunidense e propunham o deslocamento do olhar dos pesquisadores para o receptor, buscando pensar o problema pelo ponto de vista deste. Ou seja, sem abrir mão da análise dos produtos midiáticos (programação televisiva e radiofônica, jornalismo impresso, cinema hollywoodiano e assim por diante), buscavam compreender não apenas o modo como as mídias constroem o sentido das mensagens que veiculam, mas também, e fundamentalmente, as relações que os receptores estabelecem com o conteúdo dos meios, partindo do pressuposto de que o receptor é sujeito ativo dessa relação: produz sentido sobre o que lê, ouve e vê, tendo como referência valores, pressupostos e crenças dos grupos sociais aos quais pertence e das culturas nas quais está imerso.

A perspectiva desses autores não nega nem despreza o poder das mídias, apenas propõe aos pesquisadores uma ampliação de seu ponto de vista, no sentido de perceber o que os sujeitos fazem com as mídias (seja com o conteúdo seja com a tecnologia que lhes dá suporte). Esta perspectiva marca os estudos de mídia realizados em contexto latino-americano e influenciou também o surgimento da chamada Comunicação Educativa no Brasil e em outros países.

Na coletânea dos textos apresentados no encontro de Paris, organizada por Jacquinet, não constam pesquisadores brasileiros. Vale, portanto, assinalar o papel desempenhado no Brasil pelos estudos desenvolvidos por Maria Luiza Belloni na área de Educação e por Ismar Soares (1993, 1994, 2001, 2004), na área de Comunicação.

Desde meados dos anos 1970, Belloni vem se dedicando ao estudo da relação entre educação e comunicação (1974, 1991, 2001, 2002, 2004), tendo coordenado diversas pesquisas sobre as repercussões no processo de socialização de crianças e jovens das relações que estes estabelecem com as diferentes mídias eletrônicas. No início dos anos 1990 criou o grupo de pesquisa COMUNIC⁸, atuou na criação do Laboratório de Novas Tecnologias e da linha de pesquisa Educação e Comunicação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e participou da criação do Grupo de Trabalho Educação e Comunicação da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação).

Ismar Soares vem atuando nessa área desde o início dos anos 1980, desenvolvendo pesquisas e orientando a realização de práticas mídia-educativas em escolas públicas e

⁸ www.comunic.ufsc.br

particulares e junto a organizações não-governamentais, na perspectiva do que ele define como leitura crítica dos meios (1984, 1988, 1989). Em 1991, participou da criação do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/ USP), que, desde então, desenvolve atividades em *educomunicação* (1993, 2001, 2004). Trata-se, segundo Soares, de uma educação para os meios voltada para crianças e jovens de camadas populares, que possibilita a produção por eles de veículos de comunicação impressos, assim como a montagem de rádio-escolas e de rádio comunitárias⁹.

Mudanças de foco e de pressupostos nos anos 2000

Para Jacquinet (op.cit.), ainda que a visão pessimista quanto aos meios tenha prevalecido entre os pesquisadores durante toda a década de 1990, os relatos apresentados no encontro de Paris apontavam, já naquele momento, para a emergência de outros pontos de vista tais como:

- a) a defesa de que o receptor pode ter papel ativo na relação com a mensagem;
- b) a compreensão de que a relação mídia-receptor-mídia é extremamente complexa e que, portanto, não pode ser explicada apenas como uma relação de causa e efeito;
- c) o entendimento de que nessa área o objeto de conhecimento é fluido e exige o aporte de distintos campos disciplinares;
- d) necessidade de recortes mais precisos e bem delimitados.

Essa nova percepção fez surgir um grande volume de estudos de natureza qualitativa, voltados para uma melhor compreensão das relações entre educação e comunicação e, sobretudo, da relação de crianças e jovens com as mídias. Dentre estes, vale destacar a publicação de David Buckingham em 1998 do artigo *Media Education in the UK: moving beyond protectionism*¹⁰. Nesse texto o autor representa o movimento pela mudança de paradigma, defendendo o abandono da idéia de que educar para as mídias consista em ensinar a desmistificar as mensagens.

Devia-se superar a visão “das crianças como vítimas passivas dos efeitos das mídias foi rapidamente modificada e superada” em favor de uma nova perspectiva segundo a qual “as crianças formam uma audiência muito sofisticada e crítica do que tradicionalmente se pensa”. Tal perspectiva tem sido adotada pelo Centre for the Study of Children,

⁹ ver <http://www.usp.br/educomradio>

¹⁰ “*Journal of Communication*”, 48, I, 1998, pp37-38 (apud Rivoltella, 2002, p.111)

Youth and Media¹¹, dirigido por Buckingham e reconhecido internacionalmente até hoje. No portal é possível ter acesso a artigos e relatórios completos tanto das pesquisas já concluídas como as em andamento. “Civicweb”; produção de vídeos digitais por jovens; músicas populares entre jovens e estudos sobre videogames são os títulos dos projetos atuais. O Centro ainda se ocupa de publicação de guias mídia-educativos, como Media Relate¹² (material que auxilia os professores para o trabalho sobre as imagens de sexo e relacionamentos veiculados pela mídia).

Pode-se considerar que a pesquisa “Children Mediawar, a guerra através dos olhos das crianças” (2003), coordenada por Mario Morcellini, da Universidade de Roma La Sapienza, contribua para completar o desenho do que podemos chamar de diretrizes atuais das pesquisas em mídia-educação. São pesquisas que tentam articular a preocupação em considerar diferentes ângulos, de maneira articulada e complementar: o fio condutor de maior relevo continua sendo a preocupação em atentar para o ponto de vista dos atores através de abordagens qualitativas (observação participante, grupos focais, entrevistas em profundidade, produção de textos, desenhos e colagens) – o que pressupõe trabalhar com pequenos grupos, mas sem perder de vista o interesse pelo trabalho com questionários, de maior alcance estatístico.

As pesquisas atuais têm privilegiado o aspecto “quali-quantitativo”, podendo incluir análises de conteúdo através principalmente de análises semio-pragmáticas, ou seja, que não estejam na busca do sentido que os textos hipoteticamente encerrariam, mas procurando articular as diferentes leituras possíveis a partir de cruzamentos com análises de consumo¹³.

A pesquisa Children Mediawar foi voltada para a relação entre a informação e crianças partindo da análise sobre a percepção da guerra do Iraque (março-maio 2003). O objetivo era compreender se e em que medida a informação mediada condicionou os processos de construção e interpretação da realidade. A pesquisa-intervento se articulou em duas fases: a primeira fase previu o desenvolvimento de uma redação e de um desenho sobre o que as crianças viram ou escutaram na TV, no rádio ou no jornal na noite anterior (sem que os professores fizessem qualquer referência específica ao conflito no Iraque) e a compilação de um breve questionário para verificar o nível de

¹¹ <http://www.childrencyouthandmediacentre.co.uk/>

¹² <http://www.mediarelate.org/>

¹³ Para acompanhar as investigações realizadas em âmbito europeu, Rivoltella desenvolveu o OMERO - Online Media Education Resources for Organizations, um programa de estudo e de pesquisa da Universidade Católica de Milão, voltado para a promoção da Mídia-Educação como âmbito investigativo e espaço de intervenção educativa. No portal é possível encontrar referências aos principais centros de pesquisa sobre o assunto em contexto europeu. <http://omero.unicatt.it/>

conhecimento que as crianças apresentavam sobre a guerra (protagonistas, motivações, principais fontes de informação); a segunda fase, prevalentemente qualitativa, previu a utilização de grupos focais para aprofundar e analisar criticamente os argumentos emergentes dos temas e dos questionários, assim como dos elementos recorrentes nos desenhos.

Esse cuidado das pesquisas atuais em levar em consideração o que as pessoas pensam e como interpretam o que vêem na TV ou o que consomem de mídia se reflete nos estudos de audiência infantil. Um dos capítulos da dissertação de mestrado de Migliora (2007) traz uma revisão ampliada sobre os estudos de audiência infantil. Aqui nos deteremos em citar alguns dos principais trabalhos investigados pela autora, como o realizado por Aguaded Gómez (2000) que buscou, numa amostra de 899 alunos espanhóis, as relações mantidas com a televisão por estudantes primários de 11 a 13 anos de idade. Quais conhecimentos, hábitos e atitudes este grupo estaria adquirindo no consumo diário de TV? Quais seriam as preferências televisivas? As interpretações da publicidade, questões de gênero ou opiniões sobre a violência foram os eixos das perguntas.

Amanda Matos (2005) também trabalhou com um grupo de praticamente a mesma dimensão. Ao investigar 820 estudantes de Coimbra, buscou tanto compreender os hábitos televisivos do grupo, como analisar possíveis elementos de mediação que pudessem interferir na relação entre a violência televisiva e a manifestação de comportamentos agressivos.

No citado capítulo de Migliora, há referência também ao projeto multidisciplinar organizado e coordenado por Livingstone (1999) que consistia em um estudo comparativo sobre a relação que crianças e jovens estabelecem com as mídias em 12 países diferentes. A pergunta, nesse caso, era voltada para a compreensão do significado que os atores atribuíam às diferentes mídias: televisão (aberta e por assinatura), videocassete, computador pessoal, Internet, videogames, livros, telefone. Acesso e tempo gasto com os mesmos foram mapeados, assim como padrões de uso desses jovens.

Rivoltella (2002) também coordenou uma pesquisa sobre a Internet entre adolescentes italianos utilizando tanto questionários como grupos focais. Sendo consultor do Diretório de Pesquisa CNPq - Os Jovens e a Mídia, da PUC-Rio, tem colaborado com o projeto de pesquisa Jovens em Rede¹⁴: representação e significação da Internet pelo olhar de jovens universitários, coordenado pela professora Aparecida Mamede, que

¹⁴ <http://www.jovensemrede.net>

também utiliza a mesma perspectiva, ou seja, parte de uma pesquisa mais ampla através de questionários para depois, através de grupos focais e entrevistas em profundidade, buscar compreender os usos e as representações da Internet entre estudantes universitários da universidade.

Sendo assim, como se orientam hoje as pesquisas nesse campo?

- 1) admitindo a complexidade do problema a que se dedicam, são mais cautelosas em fazer afirmações contundentes e conclusivas a respeito da relação receptor-mídia;
- 2) ainda que trabalhem com a hipótese de que os efeitos das mídias sobre os receptores podem ser negativos, tendem a avaliar os efeitos a partir de práticas de uso dos meios observadas e registradas (aumento dos estudos empíricos);
- 3) admitindo que o receptor pode ser ativo, procuram compreender o grau, o limite e a natureza dessa atividade;
- 4) buscam incorporar aos seus trabalhos novas concepções de infância e de adolescência que comportem as mudanças (sobretudo tecnológicas) ocorridas nas sociedades complexas ao longo dos últimos 50 anos;
- 5) atuam de forma inter e/ou transdisciplinar operando com conceitos e teorias oriundos de diferentes áreas de conhecimento (psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, psicanálise, neurociência etc.);
- 6) tendem a tomar classe, gênero, etnia ou faixa etária como componentes importantes mas não determinantes da natureza da relação receptor-mídia;
- 7) tendem a valorizar os contextos em que se dão as práticas de recepção assim como o papel desempenhado pelas diferentes instâncias de mediação (família, escola, igreja, grupo de pares, comunidades interpretativas etc.);
- 8) lançam mão de metodologias variadas e, em geral, associam metodologias diferentes;
- 9) procuram conhecer para agir (JACQUINOT, op.cit.) tanto junto às mídias no sentido de democratizá-las) quanto em apoio aos movimentos sociais.

O contexto brasileiro

No Brasil, a necessidade de promover uma aproximação maior da educação com as tecnologias da comunicação parece ter sido sentida desde muito cedo: as reformas educacionais de 1927 e 1930 incorporavam em seus textos a exigência de exibição de filmes em contexto escolar e de que todas as escolas fossem dotadas dos equipamentos

destinados a este fim¹⁵. Data de 1931 a publicação do livro *Cinema & Educação*, de Jonathas Serrano, professor do Colégio Pedro II, e Francisco Venâncio Filho, então Diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro. Os autores tiveram participação direta na reforma educacional de 1927 e na criação, em 1937, do Instituto Nacional de Cinematografia Educativa (dirigido originalmente pelo antropólogo Edgar Roquette-Pinto). O INCE funcionou até quase o final da década de 1950, sob a direção do cineasta Humberto Mauro, tendo produzido mais de 300 filmes de curta, média e longa metragens, com a função precípua de promover a educação das massas¹⁶.

Em 1970, a educação brasileira amplia suas reflexões sobre a importância de incorporar as tecnologias nas práticas educacionais, com caráter didático e técnico — tratava-se originalmente de trazer estas tecnologias para a sala de aula para melhorar a performance técnica de professores e alunos. A disciplina Tecnologia Educacional foi introduzida nos currículos da Pedagogia, das Licenciaturas e dos cursos de mestrado em educação e a preocupação com o tema fez nascer a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – ABT (criada em 1972) cujo periódico, *Revista Tecnologia Educacional*¹⁷, exerceu forte influência nos estudos realizados na época e, tendo mantido regularidade, goza de prestígio no campo. A preocupação, naquele momento, tinha um caráter prático, na medida em que se privilegiavam as discussões relativas ao uso adequado dessas tecnologias nas atividades escolares. Essa vertente prevaleceu até o início dos anos 1980, quando adquirem maior visibilidade os estudos preocupados com o papel desempenhado na sociedade pelas mídias como instâncias de poder, sobretudo jornais impressos e televisão¹⁸.

Na área de Educação, um dos primeiros trabalhos a seguir esta perspectiva foi a dissertação de mestrado de Rosa Maria Bueno Fischer (1983, 1993), cujo título *O mito na sala de jantar: leitura interpretativa do discurso infante-juvenil sobre televisão*, expressa a mudança de ponto de vista que começava a se fazer presente nas pesquisas, apontando a necessidade do campo educacional dedicar-se a reflexões sobre a televisão pelo ponto de vista de seus espectadores.

No início da década de 1990 são criados o Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa

¹⁵ Sobre este tema ver ALEGRIA, João e DUARTE, Rosália (2005). Um sonho, um belo sonho: considerações sobre a gênese das relações entre educação e cinema no Brasil. *Revista diálogo educacional*, Curitiba, v. 5, n. 15, p. 11-26.

¹⁶ Sobre a direção de Humberto Mauro no INCE ver SCHVARZMAN, Sheila (2004) *Humberto Mauro e as imagens do Brasil*, SP: Editora da UNESP.

¹⁷ http://www.marília.unesp.br/atividades/pesquisas/escr_pesq/educacao/31_revis.htm

¹⁸ Uma das referências na fundação deste campo de pesquisas no Brasil é o livro *Muito além do Jardim Botânico*, de Carlos Eduardo Lins da Silva, fruto de tese de doutorado defendida na USP e publicado em 1985 pela Summus Editorial.

da INTERCOM (Sociedade Interdisciplinar para os Estudos da Comunicação) e o Grupo de Trabalho Educação e Comunicação da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) que, desde então, organizam e sistematizam os debates nessas respectivas áreas de pesquisa.

O GT Educação e Comunicação foi instalado oficialmente na 14ª Reunião Anual da Anped, em 1991, e vem desempenhando papel significativo na constituição dos estudos em educação e mídia no país, congregando pesquisadores de diferentes áreas e tendências em torno de um objeto que já não era novo quando da criação do grupo, mas que vinha exigindo a configuração de novos olhares e perspectivas em razão do grande avanço tecnológico verificado (e antevisto) naquele período. Segundo Penteadó (2002), durante os anos 1990 os trabalhos apresentados no GT privilegiaram “estudos e pesquisas focados predominantemente em tecnologias chamadas massivas (rádio, cinema, televisão e vídeo)”, apontando para as “tecnologias interativas gerenciadas pelo computador” (p.13) que estavam ainda em fase de implantação, mas já provocavam mudanças profundas. De acordo com a autora, as principais referências desses estudos eram os trabalhos dos teóricos da Escola de Frankfurt, voltados para a compreensão “do que os meios fazem com o receptor” (idem).

Pesquisa publicada na Revista de Ciências da Informação da UNB (MUSTAFA; MÁXIMO, 2003) analisa a bibliografia de referência dos trabalhos apresentados no Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa da INTERCOM (Sociedade Interdisciplinar para os Estudos da Comunicação) e o Grupo de Trabalho Educação e Comunicação da ANPEd, entre 1998 e 2001. Contabilizando citações, os autores observam nos textos da INTERCOM uma forte presença de autores brasileiros, considerados precursores dos estudos que aproximam educação e comunicação, tais como Nelson Pretto, Ismar Soares, Maria José Baccega, José Manuel Moran, Heloisa Dupas Penteadó e Maria Luiza Belloni, assim como dos autores latino-americanos ligados à Teoria das Mediações (principalmente MARTIN-BARBERO), prevalecendo, no conjunto, a chamada teoria crítica da recepção. Nos textos apresentados na Anped nesse mesmo período prevalecem as citações a Michel Foucault e a Teodor Adorno (também em co-autoria com Horkheimer) e, de forma significativa, a pesquisadores brasileiros vinculados ao chamado pós-estruturalismo foucaultiano, como Tomás Tadeu da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer e Marisa Vorraber-Costa, considerados precursores, no Brasil, na adoção desse aporte teórico em pesquisas educacionais.

Ao longo da última década, o foco dos trabalhos apresentados nos encontros anuais do grupo ampliou-se para questões relacionadas às mensagens veiculadas nos produtos midiáticos, aos usos que os receptores fazem dos meios eletrônicos de comunicação de massa e aos distintos modos de interação destes com as mensagens veiculadas por

aqueles. Quanto aos sujeitos das pesquisas, se a década de 1990 privilegiou fundamentalmente jovens e adultos (sobretudo professores, licenciandos e estudantes de nível médio e superior) e os usos que estes fazem dos meios na escola e na prática pedagógica, ao longo desta última década as crianças passaram a ser foco do interesse e da preocupação de muitos estudiosos desse campo, impulsionados talvez por pesquisas de audiência que apontam as crianças como um dos segmentos mais assíduos do público de televisão no Brasil.

Pode-se dizer que, de um modo geral, as pesquisas desenvolvidas nessa área no Brasil, nos últimos vinte e cinco anos, têm privilegiado:

- 1) uso das mídias na escola (jornais impressos, computadores, internet, rádio, produtos audiovisuais);
- 2) Educação a Distância *on-line*;
- 3) relações entre televisão e educação: análise de programas de tevê e/ou de grades de programação; televisão educativa; televisão universitária; TV Escola; representações de escola, professores e alunos na televisão; usos que a escola faz da tevê;
- 4) relações entre cinema e educação: análises fílmicas; cinema em contextos educativos; cinema e construção de identidades; uso de filmes na sala de aula; realização de filmes em práticas mídia-educativas de organizações não-governamentais;
- 5) rádio-escola; práticas edu-comunicativas com produção de rádio; rádio educativo; difusão cultural via rádio;
- 6) jornais impressos: estrutura de produção e veiculação; ideologia; construção de identidades; relações étnicas; uso do jornal em sala de aula; jornal escolar;
- 7) Internet: aspectos cognitivos; Internet como espaço de socialização; ambientes para troca sincrônica de mensagens; comunidades digitais; fatores de risco; práticas de uso da Internet por crianças e jovens; veiculação de conteúdos online; EAD;
- 8) computadores: uso na escola; aspectos cognitivos; espaço de aprendizagem; softwares educativos;
- 9) estudos de recepção: modos de uso e processos de produção de sentido por parte dos usuários das diferentes mídias

De forma bastante esquemática, podem ser definidos como estudos em Educação e Comunicação, em contexto brasileiro, investigações cujo aporte teórico, de natureza filosófica, dá sustentação a estudos empíricos acerca do papel desempenhado pelas

mídias na socialização de crianças e jovens, na construção de identidades, na manutenção de relações de poder, na construção das culturas, na consolidação dos estados nacionais, na produção e difusão do conhecimento científico, nas práticas educacionais em geral, além do uso dos meios pelos movimentos sociais, tendo como objeto tanto os dispositivos utilizados pelos meios para produzir sentido e veicular ideologias quanto os processos de apropriação e de produção de significados que têm lugar nos distintos sujeitos que se relacionam com os conteúdos dos meios.

No interior desse grande campo desenvolve-se uma área de estudos menos ampla, que se dedica a pensar, descrever e compreender os mecanismos de caráter especificamente educativo das mídias, tomando como objeto de estudo os produtos midiáticos, no sentido de avaliar o impacto social destes na vida, nos hábitos e visões de mundo de seus distintos usuários, assim como o uso que é feito dos mesmos, assim como de suas tecnologias de suporte, em contexto educativo (formal e informal).

Como subcampo deste, configura-se o que se convencionou chamar de Mídia-educação, uma área ao que tudo indica mais prática do que teórica que poderia ser denominada de pedagogia dos meios, cujo surgimento contou, nos anos 1980, com a significativa participação da UNESCO. Trata-se de estudos acadêmicos associados a práticas institucionais, voltados para o desenvolvimento e avaliação de procedimentos pedagógico/didáticos destinados à educação PARA os meios. De um modo geral, os estudos realizados nessa área dedicam-se ao mapeamento de práticas mídia-educativas, tendo a pesquisa-ação como método privilegiado no sentido de proceder a uma avaliação ou validação dos resultados dessas práticas nos contextos em que são desenvolvidas.

No Brasil, a mídia-educação desenvolveu-se mais fortemente nas organizações não-governamentais voltadas para o atendimento de crianças e adolescentes de comunidades de baixa renda, mas hoje vem sendo implementada nas redes pública e particular de ensino fundamental.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ADORNO, Theodor W. *Mínima Moralía: reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Luiz Eduardo Bisca. São Paulo: Ática, 1992.

ADORNO, Theodor W. *Textos escolhidos*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores), 1999.

- AGUADED, I.J.G. *La televisión y los escolares onubenses*. Huelva: Grupo Comunicar, 2000.
- BELLONI, M. L. (1991). Educação para a mídia: missão urgente da escola. *Noésis*, São Paulo, v. 19, n. 17, p. 36-46.
- BELLONI, M. L. (2004). Infância, máquinas e violência, *Educação e Sociedade*, Campinas/SP, v. 25, p. 575-598.
- BELLONI, M. L. ; SCAVONE, L. ; GARBAYO, C. . *A dimensão política da comunicação de massa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1975. v. 1. 140 p.
- BELLONI, M. L. (Org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BELLONI, M. L. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BUCKINGHAM, David. Media Education in the UK: moving beyond protectionism. IN: *Journal of Communication*, 48, I, 1998, pp37-38 (apud Rivoltella, 2002, p.111)
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- CENTER FOR MEDIA EDUCATION, *Web of Deception: Threats to Children from Online Marketing*, 1996.
- FISCHER, Rosa M. B. O mito na sala de jantar. *Mercado global*, n. 55, p. 38-45, 1983.
- FISCHER, Rosa M. B. *O mito na sala de jantar*. Discurso infante-juvenil sobre televisão. 2. ed. Porto Alegre (RS), Movimento: MOVIMENTO, 1993. 131 p.
- GARRETON, M. (Org.). *America Latina; un espacio cultural en el mundo globalizado*. Bogota: Convenio Andres Bello, 1999.
- GERBNER, G. Cultural indicators: the third voice. In *Communications Technology and Social Policy: Understanding the New "Cultural Revolution."* edited by G. Gerbner, L.P. Gross, and W.H. Melody. New York John Wiley & Sons, 1973.
- GERBNER, G. *Violence and terror in and by media*. Paper presented at the colloquium on Media and Crisis, Universite Laval, Quebec, October 4-5, 1990.
- GERBNER, G. *Violence and terror in the mass media*. Reports and Papers on Mass Communication, n° 102, Paris Unesco: 1988.
- GERBNER, G. and Gross, L. Living with television: The violence profile. *Journal of Communication*, 26 (1976): p. 173-199.
- GERBNER, G.; Gross, L.; Morgan, M.; and Signorielli, N. *Television's mean world: violence profile no 14-15*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1986.

GERBNER, G.; GROSS, L.; Signorielli, N.; Morgan, M.; and Jackson-Beeck, M. The demonstration of power violence profile no 10. *Journal of Communication*, 29 (1979): p. 177-196.

GERBNER, G.; GROSS, L.; MORGAN, M.; SIGNORIELLI, N. Final reply to Hirsh. *Communication Research*, 8 (1981): p. 259-280.

GERBNER, G.; GROSS, L.; MORGAN, M.; SIGNORIELLI, N. Living with television: the dynamics of the cultivation process. In *Perspectives on media effects*, edited by J. Bryant D. Zillman Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1986.

GIANATELLI, Roberto. *La proposta della Media education per la nuova scuola in Itália*. Fala apresentada no Summit 2000. Disponível em: http://www.medmediaeducation.it/documenti/summit2000_giannatelli.rtf

JACQUINOT, Geneviève. *Les jeunes et les médias: perspectives de la recherche dans le monde*. Paris: Injep/L'Harmattan, 2002.

LIVINGSTONE, Sonia (1999). New media, new audiences? *New Media & Society*, 1, London, Sage.

LIVINGSTONE, S., HOLDEN K. e BOVIL, M. (2002). As crianças e o ambiente da mídia em mudança: panorama de um estudo comparativo europeu. In: VON FEILITZEN, C.; CARLSSON, U. (Org.). *A criança e a mídia: imagem, educação, participação*. São Paulo: Cortez, p.45-68.

MARTINEZ, Andrea. *Scientific knowledge about television violence*. Canadian Radio-television and Telecommunications Commission, May 1992.

MASTERMAN, Len. *A scuola di media*. Educazione, media e democrazia nell'Europa negli anni 90. Brescia: La Scuola, 1997.

MATOS, Amanda (2005). *Televisão e violência: (para) novas formas de olhar*. Huelva: Grupo Comunicar, Congresso Hispanoluso de Comunicación y Educacion.

MATO, D. (Coord.). (2001). *Estudios latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización*. Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO); 57-67.

MIGLIORA, Rita (2007). *Crianças e televisão: um estudo de audiência infantil e de fatores intervenientes*. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 145p.

MORCELLINI, Mario; GRAZZI, Tiziana. *La guerra negli occhi dei bambini*. Le immagini televisive dei conflitti tra critica e proposta. Testimonianze, interviste e ricerche. RAI-ERI - Luigi Pellegrini Editore, 2005.

MUSTAFA, S. P.; MÁXIMO, L. F. (2003). A produção científica da Anped e da Intercom no GT de Educação e Comunicação. *Ciências da Informação*, Brasília, v. 32, n.1, pp. 96-101

- OROZCO GOMEZ, Guillermo. (Org.). *Recepción y mediaciones*. Casos de investigación en América Latina. Buenos Aires: Editorial Norma, 2002
- ORTIZ, Renato. A modernidade tradição brasileira. São Paulo: BRASILIENSE, 1988.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PENTEADO, H.D. (2002) *A história do GT Educação e Comunicação*. Caxambu: Anais do GT Educação e Comunicação, 25ª Reunião Anual, p.11-23.
- PUNGENTE, John. *Getting started on Media Education*. Center for the Study of Communication and Culture, London, 1985.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. Convidada, intrusa, ou o quê? Os efeitos da televisão na infância: entre a realidade e os discursos sociais. Parte I. PUC-Rio, *Revista de Psicologia Clínica*, n.17, 1, 2007.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. Convidada, intrusa, ou o quê? Os efeitos da televisão na infância: entre a realidade e os discursos sociais. PUC-Rio. Parte II. *Revista de Psicologia Clínica*, v.16.2, 2004.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. *Teoria della comunicazione*. Brescia: La Scuola. 1998.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. *Media Education: fondamenti didattici e prospettive di ricerca*. Brescia: La Scuola, 2005.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. *Media Education*. Modelli, esperienze, profilo disciplinare. Roma: Carocci, 2001.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. *I ragazzi del web: i preadolescenti e Internet: una ricerca*. Milano: Vita e Pensiero, 2002.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. *Educare per i media*. Strument e metodi per la formazione del media educator. Milano, I. S. U, 2005.
- SOARES, I. O. (1993). A era da informação: tecnologias da comunicação criam novas relações culturais e desafiam antigos e novos educadores. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 113/114, p. 11-19.
- SOARES, I. O. (Org.). PENTEADO, H. D. (Org.). SOUSA, M. W. (Org.). COSTA, M. C. C. (Org.); BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). CITELLI, A. O. (Org.). GOTTIEB, L. (Org.). PACHECO, E. D. (Org.). *Caminhos da Educomunicação*. São Paulo: Salesiana, 2001. v. 1. 87 p.
- SOARES, I. O. A comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional. *Perspectiva*, Ano13, n. 24, p. 11-22, 1994.
- SOARES, I. O. Educar com, apesar e para a comunicação. *Revista de Educação - AEC*, Brasília, v. 68, n. 17, 1988.
- SOARES, I. O. Educar para a comunicação: vertentes e dificuldades. In: FUNTEVÊ.

(Org.). *Onda Viva, a pós-modernidade escolar*. Rio de Janeiro: FUNTEVÊ, 1989.
SOARES, I. O. *Educomunicação*. São Paulo: NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, 2004. 60 p.
SOARES, I. O. Para uma leitura crítica dos jornais I Paulinas, 1984. v. 01.
THOMAS, N.; LEE, Philip. *Media development*, 42, 2, 1995, p.2.

Artigo encomendado pelo Conselho Editorial